

EM TABATINGA

Índios macus fogem da aldeia temendo Farc

FUGA DE PELO MENOS 190 INDÍGENAS DA ETNIA PARA A VILA BITTENCOURT OCORREU HÁ UMA SEMANA, APÓS VISITA AMEAÇADORA DE GUERRILHEIROS

Mais de 190 índios da etnia macu que vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia, em Tabatinga (a 1.105 quilômetros de Manaus), estão há uma semana acampados na comunidade de Vila Bittencourt, localizada no mesmo Município. A mudança repentina da tribo da aldeia São José, no rio Apaporis (a uma hora de voo de Tabatinga), ocorreu depois que três guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) invadiram o local e ameaçaram os índios de morte caso a "visita" fosse denunciada ao Exército Brasileiro.

As informações são do chefe do posto indígena dos macu, Carlos Henrique Nentes. Segundo ele, um dia depois da represália, os macu juntaram seus pertences e desceram o rio em canoas em direção à Vila Bittencourt. Ao chegar lá, o fato foi relatado por eles aos militares do 3º Pelotão Especial de Fronteira e depois a funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai). Os índios, explica Carlos, estão temerosos quanto suas vidas, já que são os únicos representantes dessa etnia, entre eles 70 crianças.

Agora, os índios enfrentam outro problema: a falta de comida. Eles deixaram para trás plantações de banana e mandioca e estão alojados em casas de parentes e conhecidos. A ajuda



SEM CONTINGENTE É insuficiente a quantidade de soldados colombianos para dar segurança ao país; existem apenas 120 mil homens para a tarefa

para a alimentação deverá chegar esta semana, garantiu o funcionário da Funai. Carlos Henrique afirmou que já foram com prados alimentos e resta agora providenciar transporte aéreo para levar a comida até os macu. "Nós precisamos fazer isso até

quinta-feira, porque eles estão sem nada para comer."

Ainda há informações não confirmadas que também há uma semana, militares do Exército Brasileiro procuravam pelo corpo de um sargento, vítima de afogamento, quando teriam se con-

frontado com guerrilheiros das Farc. Militares brasileiros e paramilitares colombianos teriam trocado tiros, sem notícias de vítimas. O Comando Militar da Amazônia (CMA) não confirmou a informação e o comando do Batalhão de Infantaria de Selva de

Tabatinga também evitou comentar o assunto.

Os índios macu habitam uma região homologada como terra indígena desde 1998, pelo Governo Federal, situada entre os rios Paparis e Tiquié, no Alto Rio Negro, no Município de Tabatin-

ga. O local, a Noroeste da Amazônia, é considerado faixa de fronteira do Brasil com a Colômbia, com relatos de alguns deles vivendo no País vizinho. Os macu são considerados semi-aculturados e vivem da agricultura de subsistência, caça e pesca.

Famílias começam a cruzar fronteira

Os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia ainda mantêm sob domínio a faixa de 200 quilômetros de fronteira com o Brasil, na região conhecida como "Cabeça do Cachorro", no Alto Rio Negro. Apesar de as Farc estarem sendo "despejadas" literalmente das chamadas "zonas desmilitarizadas", no centro da Colômbia, o Exército colombiano parece muito longe de avançar em direção à faixa fronteiriça.

"Temendo uma ofensiva dos militares colombianos, famílias colombianas inteiras começam a cruzar a fronteira", diz uma importante autoridade militar na Amazônia, sem se identificar. Segundo ela, os guerrilheiros dominam inteiramente todos os povoados da fronteira, a começar por Guadalupe e São Felipe, distritos localizados a 10 quilômetros e 35 quilômetros da fronteira brasileira, a partir do posto militar de Cucuí.

As ações da guerrilha são conduzidas a partir de São Felipe pelo comandante Pedro, que assumiu o cargo com o status de bom estrategista militar no final do ano passado segundo as mesmas fontes militares. "Os guerrilheiros conti-

nuam cobrando a Vicunã (imposto) de todos os garimpeiros, comerciantes e donos de barcos que desenvolvam quaisquer atividades econômicas", revela a autoridade militar.

Em toda a área de fronteira não há o menor sinal de representatividade do governo colombiano. Não há, porém, indícios de que os guerrilheiros estejam construindo esconderijos no Brasil.

E isso foi comprovado por uma grande operação militar encerrada no fim-de-semana. O objetivo, cumprido à risca, conforme essa fonte, era passar um "pente fino em cada metro da fronteira brasileira com a Colômbia". Por causa dos bons resultados, muitas tropas transportadas Rio de Janeiro e Manaus já começaram a deixar os pelotões nos postos de fronteira a partir de hoje.

Pelo menos no momento, ressaltam as fontes, não há motivo para preocupação. "O único sinal de guerrilheiros é a vinda de pessoas ligadas à guerrilha até São Gabriel da Cacheira para comprar suprimentos e levar de barco até os guerrilheiros que operam na fronteira", atesta.

BATALHA PERDIDA

Governo percebe ser incapaz de vencer

BOGOTÁ (AG) — O governo da Colômbia está vivendo um grande dilema desde que o presidente Andrés Pastrana declarou guerra total ao grupo guerrilha Farc. Incapaz de negociar a paz, o país nota aos poucos, "tanto pelas notícias que chegam das frentes de combate, quanto por declarações de suas próprias autoridades", que também é incapaz de vencer a guerra. "É certo que a nossa força (militar) hoje não é suficiente para enfrentar o terrorismo e cobrir todo o país", admitiu o ministro de Defesa, Gustavo Bell, em entrevista exclusiva ao jornal *El Tiempo*, de Bogotá, domingo passado. O comandante-chefe das Forças Armadas, general Fernando Tapias, revelou que os militares só têm capacidade para proteger metade dos pontos críticos da infraestrutura pública, essenciais à sobrevivência da população e à manutenção da atividade econômica. "As Farc entraram numa espécie de esquizofrenia que as leva a provocar os maiores

danos possíveis, mesmo que atinjam civis. É um plano eminentemente terrorista, orientado a interromper os serviços públicos fundamentais como água, energia, fornecimento de combustíveis, os sistemas viários e petroleiros", disse Tapias, informando que dispõe de soldados apenas para proteger 2 mil pontos estratégicos.

O Exército é pequeno para cobrir todo o país. Ele conta com pouco mais de 120 mil homens, dos quais 55 mil são profissionais. Uma comparação com a guerra de guerrilhas enfrentada por El Salvador dá a dimensão real do problema: a força de combate da Colômbia é levemente superior à daquele país durante a sua guerra civil, sendo que a Colômbia é 50 vezes maior que El Salvador. O governo não tem controle sobre 40% do país. Por isso, além de aumentar as filas do Exército em dez mil homens por ano (o projeto de lei está no Congresso), o ministro Bell cogita também criar uma força intermediária entre a

polícia e as Forças Armadas: "Seria uma espécie de Guarda Nacional, para ajudar a combater o terrorismo", disse. Dispersados na área de distensão de 42 mil quilômetros quadrados que ocuparam nos últimos 3,5 anos, por concessão do governo, os guerrilheiros voltaram às selvas que já dominavam antes. Eles conhecem o terreno como a palma da mão e, como vêm demonstrando, são um inimigo duro de liquidar nessas áreas. Sua principal estratégia é evitar combates com o Exército. Nos primeiros dez dias de guerra, as Farc provocaram um prejuízo de US\$ 150 milhões com atentados. Os militares vêm ocupando os territórios que as Farc abandonaram assim que Pastrana declarou guerra. Segundo o ministro de Defesa, ela será longa. Só a ocupação da área de distensão vai demorar mais do que se imaginava: "Há uma visão distorcida sobre o que significa a retomada de uma zona de 42 mil quilômetros quadrados. Não se

trata de uma guerra relâmpago. O controle total daquela zona vai levar meses, talvez anos", disse Bell. O general Gustavo Porras, que comandou as tropas do Exército que entraram na antiga área de distensão, afirmou que o governo não tem condições de derrotar o inimigo no momento. Ele perdeu o posto na quinta-feira passada por ter sido incapaz de evitar que a guerrilha destrísse várias torres de eletricidade naquela zona. As tropas sob o seu comando demonstraram uma fragilidade que, em sua opinião, é generalizada: "O que vejo é um país impotente para solucionar a guerra e que não quer solucionar. Está de mãos atadas, não pode manejar a sua segurança com cem mil soldados. Assim é impossível controlar os bandidos, sejam eles guerrilheiros, paramilitares ou narcotraficantes. Para isso precisamos de um milhão de homens e armar os civis", disse o general. Um estudo feito recentemente sob encomenda do Departamento de Defesa dos EUA, e obtido pelo Globo, antecipava a possibilidade de um impasse no combate à guerrilha. Ele concluiu que "as Forças Armadas da Colômbia ainda não desenvolveram a capacidade para controlar os guerrilheiros, e muito menos derrotá-los".